



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS BISPOS DA PROVÍNCIAS ECLESIAÍSTICAS DE LOUISVILLE, MOBILE E NOVA ORLEÃES (E.U.A.) EM VISITA «AD LIMINA APOSTOLORUM»

*Sábado, 4 de Dezembro de 2004 Queridos Irmãos Bispos*¹. Por ocasião da vossa quinquenal visita *ad limina Apostolorum*, dirijo-vos as minhas calorosas saudações de boas-vindas, Bispos provenientes das *Províncias Eclesiásticas de Louisville, Mobile e Nova Orleães*. Enquanto damos continuidade às nossas reflexões sobre o ministério do governo confiado aos sucessores dos Apóstolos, hoje eu gostaria de considerar alguns aspectos específicos do nosso relacionamento com os fiéis leigos. Em primeiro lugar, desejo expressar o meu profundo apreço pela contribuição preeminente que os leigos ofereceram, e continuam a oferecer, para o crescimento e a expansão da Igreja no vosso país, uma contribuição de que dei o meu testemunho pessoal e que também pude admirar durante as minhas visitas aos Estados Unidos da América. Estou persuadido de que, dado que "a renovação da Igreja na América não será possível sem a presença activa dos leigos" (*Ecclesia in America*, 44), uma parte essencial do vosso governo pastoral deve consistir em orientá-los e ajudá-los nos seus esforços por ser fermento do Evangelho no mundo.² Como o Concílio Vaticano II afirmou claramente, por sua própria natureza o exercício do *munus regendi* episcopal exige o reconhecimento da *contribuição e dos carismas dos fiéis leigos* e do papel que lhes é próprio *na edificação da unidade da Igreja*, no cumprimento da sua missão no mundo (cf. *Lumen gentium*, 30-31). Cada Bispo é chamado a reconhecer o "papel essencial e insubstituível" dos leigos na missão da Igreja (cf. *Christifideles laici*, 7) e a torná-los capazes de cumprir o seu próprio apostolado, "guiados pela luz do Evangelho e pelo pensamento da Igreja, e impelidos pela caridade cristã" (*Apostolicam actuositatem*, 7). No vosso ministério de governo, vós devíeis considerar como *uma clara prioridade pastoral*, ajudar os fiéis leigos a compreender e a aceitar o *munus regale* que receberam através da sua incorporação baptismal em Cristo. Como afirma a tradição da Igreja, este ofício real expressa-se em primeiro lugar naquela "liberdade real" que torna os fiéis leigos capazes de superar o reino do pecado nas suas próprias existências e, "servindo a Cristo também nos outros... [e conduzindo] pela humildade e a paciência os seus irmãos àquele Rei para quem servir é reinar" (*Lumen gentium*, 36). Contudo, *os fiéis leigos exercem este ofício real de maneira específica* através dos seus esforços, em ordem a difundir o Reino de Deus *mediante as suas actividades seculares*, de tal forma que "o mundo se impregne do espírito de Cristo e atinja o seu fim na justiça, na caridade e na paz" (*Ibidem*).³ Por este motivo, os leigos e as leigas devem ser encorajados, mediante uma catequese sólida e a formação permanente, a reconhecer a dignidade e a missão específicas que receberam no Baptismo e a assumir nas suas actividades quotidianas *uma abordagem integrada da vida*, que possa haurir a sua inspiração e fortaleza do Evangelho (cf. *Christifideles laici*, 34). Isto significa que os leigos devem ser formados para poderem assim distinguir claramente entre

os seus direitos e deveres como membros da Igreja, e os direitos e deveres que têm como membros da sociedade humana, e inclusivamente encorajados a unir ambos de maneira harmoniosa, reconhecendo que "em toda a ocupação temporal devem *orientar-se sempre pela consciência cristã*, pois nenhuma actividade humana, nem sequer na ordem temporal, *pode subtrair-se ao império de Deus*" (*Lumen gentium*, 36). Uma confirmação clarividente e autorizada destes princípios fundamentais do apostolado dos leigos ajudará a superar os sérios problemas pastorais, levantados por uma crescente incapacidade de compreender a responsabilidade obrigatória própria da Igreja, de recordar aos fiéis o seu *dever de consciência*, de agir em conformidade com o seu ensinamento autorizado. Há uma urgente necessidade de *uma catequese compreensiva do apostolado dos leigos*, que saliente necessariamente a importância de *uma consciência formada de maneira apropriada*, a relação intrínseca existente entre a liberdade e a verdade moral, e também o dever que incumbe sobre cada cristão, de trabalhar para renovar e aperfeiçoar a ordem temporal, em conformidade com os valores do Reino de Deus. Enquanto respeita plenamente a separação legítima entre a Igreja e o Estado na vida norte-americana, esta catequese deve esclarecer também o facto de que para o fiel cristão não pode existir qualquer separação entre a fé que se deve acreditar e depois pôr em prática (cf. *Lumen gentium*, 25), e o compromisso numa participação integral e responsável na vida profissional, política e cultural. Considerando a importância de tais questões para a vida e a missão da Igreja no vosso país, gostaria de encorajar-vos a ter em consideração a aplicação dos princípios doutrinários e morais subjacentes ao apostolado dos leigos, como *um elemento essencial do vosso ministério* de mestres e pastores da Igreja que peregrina nos Estados Unidos da América. Convido-vos também a discernir, em sintonia com os membros do laicado que sobressaem pela sua fidelidade, conhecimento e prudência, os modos mais eficazes de promover a catequese e a reflexão clarividente deste importante campo do ensinamento social da Igreja.⁴ Naturalmente, um apreço do talento e do apostolado dos leigos levará a um maior compromisso na promoção entre os próprios leigos, de *um sentido de responsabilidade compartilhada* pela vida e a missão da Igreja. Ressaltando a necessidade de uma teologia e de uma espiritualidade de comunhão e de missão em vista da renovação da vida eclesial, evidenciei a importância de "assumir aquela antiga sabedoria que, sem prejudicar em nada o papel categorizado dos Pastores, procurava incentivá-los à mais ampla escuta de todo o povo de Deus" (*Novo millennio ineunte*, 45). Sem dúvida, isto implicará um esforço consciente da parte de cada um dos Bispos, em ordem a desenvolver, no seio da sua Igreja particular, *estruturas de comunhão e de participação* que tornem possível sem provocar qualquer prejuízo à sua responsabilidade pessoal que ele é chamado a assumir em virtude da sua autoridade apostólica "ouvir o Espírito que vive e fala por meio dos fiéis" (cf. *Pastores gregis*, 44). E, ainda mais importante, é que isto exige a presença, em todos os aspectos da vida eclesial, de *um espírito de comunhão* arraigado no *sensus fidei* sobrenatural e na rica variedade dos carismas e das missões que o Espírito Santo oferece a todo o conjunto dos baptizados, para os edificar na unidade e na fidelidade à Palavra de Deus (cf. *Lumen gentium*, 12). A compreensão da cooperação e da responsabilidade compartilhada, firmemente arraigada nos princípios de uma eclesiologia sadia, garantirá uma colaboração autêntica e fecunda entre os Pastores da Igreja e os fiéis leigos, sem o perigo de que esta relação seja alterada pela aceitação acrítica das categorias e das estruturas da vida secular.⁵ Dilectos Irmãos, com espírito de profunda gratidão e estima, confiemos ao Senhor todos os fiéis leigos das vossas Igrejas particulares: *os jovens*, que são a esperança do futuro e que também agora são chamados a constituir o fermento de vida e de renovação na Igreja e na sociedade norte-americana; *os casais*, que se esforçam por reflectir em si mesmos e nas respectivas famílias o mistério do amor de Cristo pela Igreja; e os inúmeros *homens e mulheres*, que lutam todos os dias em vista de levar a luz do Evangelho aos seus próprios lares, aos lugares de trabalho e a toda a vida da sociedade. Que eles sejam testemunhas cada vez mais credíveis da fé que nos reconciliou com Deus (cf. *Rm* 5, 1), do amor que há-de transfigurar o mundo e da esperança de "uns novos céus e uma nova terra, onde habite [para

sempre] a justiça" (2 Pd 3, 13)! Com estes sentimentos e com o meu afecto fraterno, invoco sobre vós e sobre os fiéis confiados à vossa solicitude pastoral, a protecção amorosa de Maria, Mãe da Igreja. Concedo a todos vós, do íntimo do coração, a minha Bênção Apostólica, como penhor de alegria e de paz no Senhor.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana